

Chico Mello:

Koellreutter: um catalisador de identidades compositivas

Meu primeiro encontro com Koellreutter foi assistindo a uma palestra dele em São João del Rey, durante o 8º Curso Latinoamericano de Música Contemporânea em 1979. Na época, como estudante de medicina e interessado em psicologia e psicanálise, chamou-me a atenção a aplicação que ele fazia da psicologia da Gestalt na percepção e composição musicais. A clareza de sua exposição me seduziu imediatamente, uma vez que mostrava ferramentas conceituais que eu necessitava para entender melhor a música contemporânea, na época para mim ainda nova. Ao ouvir *Prostituta americana* de seu juveníssimo aluno Tato Taborda, onde a reiteração rítmica é essencial, convenci-me de que Koellreutter era quem melhor poderia me ajudar na continuação de minha busca da integração da música popular à composição contemporânea, algo que já vinha fazendo em Curitiba sob orientação do Padre José Penalva.

Do tempo que estudei com Koellreutter – 1982-85 – tenho belas lembranças. Quinzenalmente ia a São Paulo de ônibus noturno. Depois de um café da manhã na rodoviária ia direto para o seu apartamento na praça da República, quase sempre às terças feiras. Encontrava-o já muito desperto, o cachimbo já esperando para ser preparado e fumado ao folhar os esboços que eu trazia na maleta. Era um terno encontro entre um jovem provinciano e um experiente senhor cosmopolita. Me fascinavam e estimulavam as perguntas que ele fazia a respeito do que eu produzia. Procurava me ajudar a separar o joio do trigo, me incentivando a ir do geral para o particular e do particular ao geral, a desenvolver um conceito compositivo que culminasse na fase que ele chamava de “pré-composição”. Me ajudava a pensar: composição era a formalização por meio de signos musicais de um pensamento desencadeado inicialmente por associação de idéias, fantasias, percepções de si próprio. Havia algo de psicanalítico nesses encontros, de onde eu saía mais consciente de minhas motivações musicais e mais liberto das convenções ou mais corajoso para desconvenacionalizar as convenções que me constituíam. Ajudava-me a perceber minha particularidade, a desenvolver o que ele chamava de “um estilo de cunho próprio”.

Considerando a assimétrica relação de poder introjetada durante a socialização, pode a relação com professores ser muito danosa para os jovens, e, justamente por isso, incentivar-lhes uma inconsciente tendência mimética ao professor. Nesse sentido tive a sorte de ter encontrado professores que me ajudaram a sempre voltar à minha motivação original pela música. O fascínio e respeito que Koellreutter tinha pela música popular me ajudaram a estabelecer dentro de mim uma conversa de igual para igual entre estas duas instâncias de minha socialização musical.

Assim, partindo de estudos utilizando a técnica dodecafônica, cheguei a o que chamo de meu “opus 1”, as peças *Baiando*, *Matraca*, *Água* (em colaboração com Helinho Brandão) e *Dança*, onde consegui integrar a sonoridade, a rítmica e reiteração da música popular brasileira ao pensamento serial, dialogando com o minimalismo e com o elementarismo que Koellreutter desenvolvera nos tempos em que passou na Índia e Japão.

O fascínio pela repetição já vinha de meu amor pelo samba e bossa-nova. Koellreutter me apresentou pela primeira vez de forma sistemática a música indiana, onde a reiteração e redução de meios é determinante na forma. No 8º Curso Latinoamericano de Música Contemporânea de 1979 eu havia conhecido o minimalismo uruguaio (particularmente *Piano piano* de Carlos da Silveira tocado por Leo Maslíah). Estudando com um direto representante da tradição europeia assuntos musicais também de tradição não-europeia facilitou autorizar-me a dar o mesmo valor, o mesmo poder tanto a signos musicais europeus como aos de tradição afro-brasileira, ambos habitantes de minha neuromuscularidade musical. Compor música culta, de concerto, experimental, integrando a gramática da música popular, passou a ser para mim um incessante diálogo entre duas instâncias de poder do simbólico. Numa época em que me encontrava em fase de amadurecimento, o estímulo de Koellreutter a esse embate intercultural musical deu mais força a esse meu movimento interior. Ele me ajudou a deixar o fruto amadurecer, tendo o cuidado de não intervir demais, sabedor que era dos eventuais efeitos colaterais danosos que as técnicas de “agricultura” musical transmitidas por um professor de composição podem gerar no aluno.

A ele fascinava a conversa com alunos, estar entre eles, ouvi-los, debater suas idéias, e procurar sempre que possível pô-los em contato. Podíamos assim assistir, como ouvintes – no dizer dele, como “paraquedistas” – às aulas dadas a outros alunos. Nesse ambiente formava-se uma acolhedora coletividade livre pensante, a qual nos dava a perceber que não estávamos sós no entusiasmo pela música contemporânea. Essa atmosfera de intercâmbio era facilitada pelo fato de esses encontros se darem de forma não institucional, sem pressões ou hierarquias. Os que estavam perto Koellreutter lá estavam por livre escolha e não por obrigações curriculares. Ele era uma espécie de escola-livre itinerante.

Mesmo tendo um grande número de alunos a sua volta, nunca tive a sensação de que ele cultivasse uma posição de guru, que incentivasse uma seita artística ou a formação de uma escola. Interessava-lhe a pluralidade, a discussão, a multidisciplinaridade: o debate como um espaço privilegiado para a catalisação de criatividade e individualidades. Numa época em que as produções independentes eram de difícil acesso e o contato artístico entre as cidades brasileiras muito escasso, Koellreutter, que gostava de viajar, era um itinerante e entusiasmado divulgador de idéias. Minha primeira publicação em LP por exemplo, resultado do meu acima citado “opus 1”, desenvolvido em conjunto com Helinho Brandão e alguns integrantes de nosso grupo curitibano de experimentação “Intermedium” e produzido de forma independente em 1984, foi apresentado por Koellreutter em várias das palestras que fazia pelo Brasil como um exemplo de integração da música popular brasileira a conceitos da composição contemporânea, particularmente sob o aspecto da percepção do tempo. A meu ver, este gosto e dedicação pelo fazer circular as idéias de seus alunos ampliava-lhes o horizonte de discussão, reforçava-lhes a autoconfiança e diminuía-lhes o provincianismo.

Produto de sua geração e cultura, Koellreutter era um homem disciplinado e sistemático. Costumava dizer que não acreditava em inspiração espontânea – a “inspiração vem compondo”. No entanto, havia nele algo de poeta que se nutria da filosofia e da ciência, sendo que esta interessava-lhe mais como incentivadora da percepção estética do que como tecnologia. Além de ser um orador nato e carismático, era um “poliglota” musical: sabia conversar com e valorizar as diferentes linguagens

musicais e perceber o espaço poético que elas deixavam surgir. Era fascinante observá-lo ao ouvir música. Se envolvia totalmente, reagia em sua mímica e gestos às tensões e relaxamentos, silêncios, redundâncias e surpresas provocados pelos eventos sonoros, tanto ao ouvir música clássica européia como música indiana, música contemporânea, música japonesa ou música popular. Seu entusiasmo era contagiante.

Por coincidência ou sincronicidade vim parar em Berlim, cidade em que ele morou quando jovem, estudando na mesma escola de música que ele estudou, a atual Universität der Künste, e lecionei alguns anos na Musikschule Neukölln, fundada por Paul Hindemith, um de seus professores. Aqui nos encontramos duas vezes, por ocasião de algumas das viagens internacionais que fazia para “se despedir dos amigos”. Na primeira, no início da década de 90, lembro de ele me dizer, “como você agüenta este frio? Eu não poderia mais viver aqui”. Na segunda, em 2000, por ocasião de uma palestra proferida por ele e concerto em sua homenagem na Universität der Künste ele se mostrou entusiasmado com as profundas mudanças na cidade. E me disse, apesar do frio do mês de dezembro: “se eu fosse jovem de novo acho que iria morar aqui”. Esta foi a última vez que estive perto dele, de seu eterno espírito jovem.

Berlim, 2015